

A LENA DO MOLEIRO

Conto da pátria suábica

Matthaeus Braun*

Na Alta Suábica, entre o Danúbio e o lago Constança, lá no alto de um arborizado monte, fica um velho mosteiro. Já devem ter passado uns bons mil anos desde que monges piedosos, vindos de muito longe, penetraram nas terras selváticas e começaram a arrotear a floresta e a erguer algumas construções no cume deste outeiro desbastado. Como esta colina é a mais alta de toda a região, de lá se desfruta uma vista indescritivelmente magnífica. Com céu limpo, vêem-se os Alpes suíços, as montanhas de neves eternas da parte superior dos arredores de Berna e até mesmo se contempla, com o olhar extasiado, o gigante maciço Monte Branco, para além do esplêndido lago de Genebra.

Mil anos passaram por este local de paz, e a história imprimiu no mosteiro suas marcas e sinais. As crônicas dão notícia de guerras e de incêndios, de pilhagens e de todos os horrores dessa época. Porém, tudo o que foi destruído cresceu sempre refeito por mãos piedosas e, dos tempos mais remotos, são ainda testemunhas as fundações encorpadas de algumas construções e a muralha de terra, na verdade, hoje ressequida, coberta de ervas e de matagal, que circunda um túmulo, mas que a olhos treinados se mostra um instrumento de defesa de antigos tempos belicosos.

A igreja do mosteiro, uma verdadeira jóia da arte medievá, constitui o ponto central de todo o complexo arquitetônico. Grandes foram os artistas que ornamentaram o altar, assim como as paredes e os tetos, de pinturas, que guarneceram as cadeiras do coro, o púlpito e o órgão com ricos entalhes, que lavraram no mais delicado trabalho artesanal os cálices, os lustres e outros utensílios do altar. Também os santos de tamanho natural, cinzelados em arenito claro, assim como as colunas e seus magníficos capitéis, a sustentar a abóbada alta, foram criados pelas mãos hábeis dos talentosos monges.

Um pouco afastado e um pouco para baixo daquilo que realmente constitui o mosteiro, suas construções memoráveis e a igreja esplendorosa, ali, onde a estrada desce para a aldeia e para a cidade próxima, ali, há uma casa enorme, mais recente, de vários

* Tradução de Celeste Ribeiro de Sousa. Braun, Matthaeus. Müllers Lene. Erzählung aus der schwäbischen Heimat. In: *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Löw, 1949, p. 227-235.

andares, que absolutamente não se encaixa no conjunto do grande complexo, embora a ele esteja profundamente ligada. A assistência aos pobres e aos enfermos constituiu, desde sempre, uma das mais nobres tarefas dessa Ordem e, como no correr dos séculos, os homens e seu modo de pensar e agir sofreram modificações, assim também a assistência social pública assumiu outras formas. Aquele edifício novo e espaçoso é um asilo. Um lar de idosos e inválidos, onde gente solitária e pobre pode encontrar um lugarzinho tranqüilo, e enfrentar o fim de seus dias sem necessidades e sem preocupações com a comida, onde os deserdados da sociedade, epiléticos, alcoólatras, histéricos, loucos mansos, em resumo, onde todos estes enteados da sorte podem receber abrigo e ser cuidados com zelo e dedicação.

Nas imediações do salão grande e claro, que as mulheres habitam no lar de idosos, há um pequeno quartinho, que permanece quase sempre trancado. Mas, hoje, ele está aberto e, neste lugar simples, uma pobre anciã cansada, quase ao término de sua grande jornada, foi recolhida à cama. Uma cláusula sábia no asilo do mosteiro determina que os moribundos sejam separados das demais pessoas, para que estas não os perturbem em sua luta derradeira com curiosidade inoportuna ou com inquietação piedosa, e para que aqueles não fiquem agitados em função de um olhar triste, que lhe abala o espírito.

Os parentes da moribunda foram avisados e os dois filhos e um sobrinho logo chegaram, e agora circundam tristes o leito.

Um dos filhos trouxe consigo a mulher que, sentada numa cadeira bem junto à porta, tenta esconder atrás das mãos o choro silencioso. O filho mais novo é viúvo, tem junto a si a filhinha adolescente, uma mocinha pálida, bastante extrovertida, que olha para a avó moribunda com grandes olhos assustados. O sobrinho, moço ainda não casado, veio só; é ele o herdeiro do moinho, onde a anciã nasceu, e a família enviou-o imediatamente a fim de levar à moribunda a última saudação da velha casa paterna.

A velhinha dormitava em sono leve. Contudo, é apenas o corpo que repousa em meio-sono. O espírito está assaz vigilante e sua vida, igual a uma série de imagens animadas e coloridas, vai-lhe passando diante da alma.

Aos pés da cama, na parede em frente, está pendurado um grande crucifixo preto. Sobre uma cômoda, em baixo, há um jarro simples de cerâmica com um ramo de flores primaveris, que uma irmã auxiliadora ali pôs, quando trouxeram a doente para o seu leito de morte.

Agora os olhos cansados entreabrem-se um pouquinho, caindo o olhar nas flores. E, então, parecia-lhe ter voltado àqueles jardins, onde labutara durante muitos e longos

anos, os últimos anos de sua vida ativa, todos os dias. Estas campainhas brancas, - para colhê-las ela certamente precisou curvar-se mais de mil vezes! Aquelas tulipas fulgurantes, - já no começo do inverno, mal tinha passado o dia de finados, juntamente com as últimas sécias e os derradeiros crisântemos, com a confecção das guirlandas noite adentro, as costas doloridas e os olhos ardendo, - eis que era época de escolher os bulbos das tulipas e dos jacintos, os mais saudáveis e robustos, plantá-los e fazê-los brotar, para que as pessoas, ainda com neve e tempo ruim, já pudessem ter a primavera em suas casas! E, então, era a vez de serem semeadas nos canteiros as flores do verão, e as plantinhas tinham que ser apanhadas e, de novo, replantadas para ficarem fortes e desabrochar em ricas florescências. Trabalho penoso e, no entanto, tão lindo! E o jardineiro, o marido bom e dedicado, não cessava nunca de lhe louvar as mãos. “Não há ninguém com mão tão boa para flores como a nossa velha Lena”, costumava ele dizer, e uma onda quente de felicidade inundava-a, duplicando-lhe a carinhosa preocupação com o esmero. E, com as flores do verão, vieram as rosas, e junto com elas as regas, e quando as dalias simples e as dobradas fulguravam em centenas de cores, então, só faltavam as sécias e os crisântemos para completar a guirlanda desta vida terrena, que a velha Lena costumava tecer ano após ano, sob o olhar vigilante do afetuoso jardineiro. Foi assim que a idade lhe chegou inesperadamente e, um dia, os seus olhos cansados não conseguiram mais distinguir as minúsculas plantinhas das pujantes ervas danosas; as costas enrijecidas não suportaram mais ficar continuamente dobradas sobre a terra num trabalho de horas a fio; os ombros e os braços não conseguiram mais carregar os regadores pesados ou abrir as grandes janelas de vidro das estufas, e o pobre e velho coração estava tão cansado que, por pouco, não desistiu de colaborar. Foi então que transportaram a Lena ao hospital municipal e o médico meneou a cabeça com expressão preocupada. “Acabou-se o trabalho pesado, senhora Lena”, dissera ele. “O coração aqui já fez o bastante, agora é hora de descansar um pouco; ele recusa-se ao serviço”. Foi assim que a velha Lena, depois de ter sido de algum modo bem cuidada no hospital, foi transferida para o lar de idosos daquele mosteiro nas montanhas, onde recebeu carinhosa acolhida. E como ela adorava a paz monacal, como gostava da capela magnífica, onde costumava fazer suas orações devotas. De fato, esse mosteiro e essa igreja não lhe eram estranhos. Uma vez, nos distantes dias da infância, quando freqüentava o primário, o padre a havia levado com seus companheiros de escola a esse lugar de paz. As crianças puderam visitar a igreja e admirar a vista esplêndida que dali se tinha. Diante das receptivas almas juvenis surgiu a história da pátria, e em seu ponto

central estava este mosteiro. Vívidas apareceram a estes jovens corações, à medida que ouviam a explicação, as imagens da Guerra dos Trinta Anos, da soldadesca sueca pilhando e assaltando o mosteiro, até mesmo os utensílios da missa, os pesados cálices dourados, sim, mesmo a custódia sendo arrastada pelos rudes mercenários às gargalhadas. Nunca em toda a sua vida, Lena pudera esquecer isso. E, em sua rememoração daquele dia estival de céu azul dourado de outrora, desponta a narrativa igual a um crucifixo preto.

A enferma agita-se. Geme com intensidade. As imagens continuam a desenrolar-se diante de sua alma. De volta ao tempo de sua mais amarga pobreza, isto foi antes de ela encontrar trabalho e pão na jardinagem, quando ela tinha de ganhar o pão de cada dia, vendendo escovas de porta em porta. Sim, ela geme, arrasta agora, montanha acima, montanha abaixo, a grande carga de escovas que precisa vender para levar pão e roupa a seus filhos. Como é pesado! Como é pesado o fardo!

Os filhos no aposento aproximam-se intranqüilos. Curvam-se sobre a moribunda. Depois trocam entre si um rápido olhar. O mais novo afasta-se rapidamente para buscar o médico novamente, o qual prontamente alivia os sofrimentos da velhinha com uma injeção. A agulha afunda no braço magro e o gemido cessa quase de imediato. O médico toma o pulso. Fraco, muito fraco e bastante irregular, a qualquer momento falhará. Deixa cair a mão com suavidade e meneia a cabeça de leve. Os filhos entendem que ele diz: “Contra a morte minha arte médica nada pode. Aqui não há mais esperança”. Vira-se devagar e sai silenciosamente do aposento.

Pobre, paupérrima é a Lena que cruza a região como vendedora ambulante. Mas, agora, a sua carga não lhe pesa mais, realmente, ela não a sente. Isto é certo, pois ela repousa no alto de uma colina. Como se respira bem e fácil aqui em cima sob esta sombra fresca... Lá em baixo, no vale, fica a casa onde nasceu, o moinho, o amado e velho moinho, onde passou os anos felizes da infância. Como sente saudades do lar! Como gostaria, oh! como gostaria de descer lá e, livrando-se de sua carga, descansar livre de todos os tormentos! Mas não, no moinho há muito seus pais morreram, é o irmão que, agora, mora ali com a mulher. E como é que ela, a Lena, a filha do moinho pode apresentar-se assim, paupérrima vendedora ambulante, diante da cunhada bem de vida? Nunca! Haveria de se encher de vergonha, nunca o seu orgulho suportaria tal coisa! Ela não quer compaixão e muito menos uma esmola dos parentes ricos. Ela é pobre, a pobre Lena, mas até agora, com o seu comércio ambulante, sempre ganhou o suficiente para sustentar a si mesma e os garotos. Ainda, como cada centavo era suado e como ela

tinha de sopesar e sopesar cada um deles, de os contar, de calcular, antes de ousar gastá-los: isto para o aluguel, isto para o pão e isto fica para escola, e será que ainda dá para os sapatos das crianças? Crianças em idade escolar estroçalham tantos sapatos, que quase nunca se tem o suficiente...

E, quando em seu sonho crepuscular, ela começa a contar, suas mãos envelhecidas repuxam e arrepanham as cobertas, como se quisessem agarrar e segurar o dinheiro que teima em se esgueirar. Ao mesmo tempo, a boca murmura de si para si números quase incompreensíveis.

„Olha“, diz, encostada à porta, a mulher chorosa para a jovem sobrinha, “olha, tua avó já está à beira do túmulo, agora ela já não vai durar muito”, e nisso começa a soluçar mais alto.

Porém, a velhinha está contando seus centavos: “oito marcos e trinta, quarenta, cinquenta...” é isso que ela murmura de si para si. Os filhos entreolham-se: “Tu entendes o que ela diz?” pergunta um deles ao outro. “Números completamente sem nexos e sem sentido”, imagina o segundo.

Agora, a anciã achou o que procurava: a causa e o começo de toda a sua pobreza. Uma das mãos encrespa-se com um comprovante, um imaginário comprovante de dívida, que apenas seus olhos enxergam. Os outros apenas vêem a mão contraída. – “A dívida”, sussurra ela, “aqui está o comprovante da dívida... pagar...” - e o sobrinho pensa: “Será que não está na hora de chamar o padre? Talvez ela deseje ouvir orações: Perdoai nossas dívidas?” E, como os filhos concordam ou apenas dão de ombros, o sobrinho afasta-se e logo retorna com o sacerdote que, acompanhado de um ajudante, principia o ato religioso da extrema-unção. Colocaram uma vela na mão da doente e o padre lê com rapidez e com voz monocórdia as orações fúnebres.

Contudo, a alma da moribunda continua perdida no passado. O documento, o comprovante da dívida, sim, ela volta a recordar-se, apareceu ali de repente, do nada, um advogado o trouxe depois da morte do marido.

Ela nunca soubera dessa dívida enorme, Henrique nunca falara dela. E Deus sabe, se aquilo não era senão uma grande manobra mentirosa? Mas o comprovante da dívida ali estava, e isso custava-lhe a ela e aos meninos toda a propriedade esplêndida, para liquidá-la. E, vendida a propriedade e paga a dívida, aí começou sua amarga pobreza, sua miséria.

Então, a anciã desperta um pouco de sua letargia. Abre os olhos, repara no clérigo, escuta as orações e percebe o perfume do incenso. E, de novo, sua alma volta ao

passado. Quando foi, quando foi aquilo, com extrema-unção, com velas e incenso? Ah! sim, agora, ela sabe: Ela encontra-se à beira do leito de morte de seu marido. Henrique morreu, ceifado por uma febre tifóide ruim. Em seis dias, tudo se tinha consumado, seu homem forte, cheio de vida, alegre, estava morto. O que viria a ser dela, das crianças, da propriedade, se Henrique, o trabalhador, o incansável, não mais vivia? Ela sente a dor, que outrora sentira, tão vívida no coração, o que lhe arranca um gemido profundo. Mas, naquele tempo, ela domara a sua dor com vontade férrea. Calma! Fica firme! Eu sou a lavradora e todos têm os olhos postos em mim. As crianças, que se agarram a mim, a criadagem, os servos e as servas, que me olham preocupados, e todos os outros que sofrem e aqui pertencem.

Agora, o padre afastou-se, os homens e as mulheres, que acompanharam de joelhos as orações e o ritual religioso, levantaram-se e rodeiam novamente a cama da moribunda. Porém, sua alma está longe.

Mas como é linda a vida nessa propriedade! O ano fecha-se num círculo que vai desde a semente à colheita; os campos, as árvores de fruto ficam carregados e, depois de passado o silêncio nevoso do inverno, recomeça o maravilhoso renascer de tudo. E ela é jovem e Henrique também e a vida tão alegre como um dia de maio. – E também seu campo deu frutos. Ela está deitada em trabalho de parto, mas a noite difícil já passou, só a voz de Henrique ecoa profunda e gentil e está rouca de tanto falar: “Lena, minha boa e querida Lena, que belo rapaz me presenteaste!” E, enquanto seu corpo ainda sente as dores da noite angustiante, uma felicidade inominável preenche-lhe o coração, tão grande, tão poderosa, que quase se aproxima da dor. Que bom haver uma felicidade assim, meu Senhor e meu Deus, como eu Te agradeço isso! Com que intensidade, de novo, este sentimento de felicidade se incendeia no coração da enferma, é como se tudo isto quase superasse suas combalidas forças. A mão de um filho, preocupado, toma-lhe o pulso. Tão fraco, tão fraco, mal dá para sentir. Os ombros deste homem vigoroso estremecem aos soluços reprimidos, ao ver a vida de sua mãe se esvaír assim. – O sino do meio-dia toca, agora, na igreja do mosteiro, a velhinha abre ainda uma vez, a última vez, os olhos. Ela escuta os sinos, observa as velas, que ardem, as flores debaixo do crucifixo e, novamente, sua alma regressa ao passado.

Toque de sinos! Flores! Velas! Há bodas no moinho! Vocês não sabem, ó gente? A Lena do Moleiro está sendo pedida em casamento! A bela filha do moleiro está noiva e o Henrique, o dono da fazenda, aquele rapaz bonitão e alegre é o noivo! Repique de sinos, velas, flores, um véu branco e uma grinalda verde, sob a qual a noiva estremece

de amor e de prazer inaudito... e o marido retira-lhe a grinalda da cabeça e o véu envolve os dois e o seu amor...

Mas, não! Não é o repique de sinos! O sino toca a dobrados. A Lena do Moleiro é, agora, uma mocinha de dez anos, a idade em que recebeu a sagrada comunhão. Foi o grande acontecimento da sua infância, que ficou impresso no mais profundo de sua alma jovem e sensível. Isto foi, quando a senhora Braumeister faleceu. Estava tão velha, era tão boa, e muito, muito rica. E, como o cortejo fúnebre teria de percorrer a larga estrada da aldeia, Lena, a mocinha do moinho, também saiu de sua casa no vale, e subiu a encosta para dar uma olhada. E que grande enterro foi aquele; ninguém faltou à última homenagem à morta. Aí veio o cortejo, aproximando-se devagar. O carro funerário estava ladeado de grinaldas e coberto de flores, de tal modo que não dava para ver nem uma pontinha do caixão. Todos os moradores da aldeia, todos os parentes e conhecidos de fora, todos vestidos de gala, formavam o cortejo fúnebre. Oravam em voz alta desde a casa da falecida até o cemitério. As orações, a contrição que se impunha, o luto e a grande devoção à morta deixaram marcas profundas na alma da criança. E, então, um desejo emergiu nesta alma juvenil: também ela queria ser assim solenemente enterrada, quando chegasse a hora do seu descanso final. Contudo, logo se apavorou à idéia de sua própria morte e, enxotando os turvos pensamentos, apressou-se, saltitante e animada, a descer a colina em direção ao moinho.

Durante toda a sua vida, ela, a Lena do Moleiro, mal tinha pensado neste desejo, e, agora, na hora de sua morte, recordava-se dele e, na palidez de seu rosto, assoma furtiva a sombra de um sorriso. Resignação! Renúncia! Foi isto que a vida lhe ensinara. Aprendeu a sorrir resignadamente entre dores e tormentos, e, por isso, nesta sua última hora as coisas não estavam sendo difíceis.

E, agora, ela está perto, muito perto do moinho! Como é forte hoje o marulhar do açude... Ela é uma minúscula menininha, que dança descalça sobre a relva em volta da represa do moinho. As bétulas junto à represa balançam ao vento seus longos véus verdes, o sol resplandece e, do outro lado, perto do moinho, estão o pai e a mãe, olhando com um sorriso sua filha feliz. Oh lar! Oh felicidade da infância, que não conhece dor, nem angústia!

O marulhar fica cada vez mais forte, - é a misteriosa e obscura corrente vital que, turbilhonando pelo universo de eternidade em eternidade, acolhe o último sopro de vida da cansada velhinha. As cinco pessoas, profundamente tocadas pelo halo da eternidade, também por elas percebido, permaneceram caladas, estáticas no mais profundo silêncio.

É como se o tempo parasse de respirar. O que é o tempo, quando a alma é abalada no seu âmago! Contudo, a vida recomeça e a pulsação do tempo retoma a vibração do seu ritmo.

Agora, fecham os olhos à defunta, juntam-lhe as mãos, choram e soluçam de dor. Mas logo o cotidiano requer os seus direitos e o enterro iminente exige os preparativos. O caixão precisa ser encomendado e a cova aberta, é preciso cuidar das flores e das velas, o sacerdote precisa ser informado, o médico precisa passar o atestado de óbito.

E, então, recebem o atestado de óbito, morte por falência coronária, é o que ali está escrito. E, quando o corpo descer à terra, nada mais restará para dar testemunho da vida desta pobre mulher, no entanto, tão rica e plena, a não ser esta folha de papel, que nada sabe dizer da vida, que, por assim dizer, apenas lhe põe um ponto final. “Morte por falência coronária em consequência de debilidade senil.” Uma lágrima doída cai dos olhos do filho sobre o papel e borra a assinatura do médico.

E, então, ali está o singelo caixão preto sobre dois cepos simples à entrada, e aquela que está lá dentro dorme com um sorriso de paz estampado no rosto, um sorriso de criança, que não conhece dor, nem angústia.

No terceiro dia, ao cair da noite, o cortejo dirige-se em silêncio para o cemitério. O caixão é baixado, o sacerdote dá a benção com que entrega o corpo à terra. Três mancheias de terra, palavras de conforto aos filhos e, com isso, o pároco retira-se e caminha de volta ao mosteiro, seguido das crianças do coro que carregam uma cruz. Entretanto, um grupo de pessoas pertencente ao asilo do mosteiro também foi ao cemitério. Elas aproximam-se mais e mais e os enlutados, ao verem o estranho cortejo chegar, recuam um pouco da cova aberta e olham meio assustados e meio tocados o espetáculo que se oferece a seus olhos. São mais de uma dúzia, homens e mulheres, internos do asilo, que chegam agora, para se despedir da companheira que partiu. Estiolados todos, velhos e aleijados, também dementes entre eles, e o que se desdobra diante de nós é um lamento terrivelmente comovente. „Magdalena“, assim gritam para o túmulo da morta, ”por que nos deixaste? Por que nos abandonaste, Magdalena? Não querias mais rezar conosco, Magdalena? – Ah! Magdalena, por que tinhas de morrer!” Os filhos ficam mudos, sensibilizadas testemunhas do grande amor e da gratidão que a mãe amada soubera, ela própria, semear entre estes pobres dos mais pobres durante seus últimos anos de vida, e cujos frutos colhia agora no túmulo.

Tudo ficou silencioso depois que o grupo se foi embora. O sol poente esparge guirlandas róseas por sobre os longínquos cumes nevados das montanhas dos Alpes. A

pequena menininha, a neta da defunta olha para trás, seduzida por aquela incandescência rubra. E, dirigindo o olhar diretamente para o céu infinito, divisa a Santíssima Trindade em toda a sua glória. E, agora, supõe ver a figura da avó, da pobre velhinha, caminhando solenemente por sobre os cumes longínquos no céu infinito. A figura indigentemente curvada afasta-se mais e mais, fica cada vez menor, cada vez menor. E, então, ergue-se a mãe de Deus, até agora sentada aos pés do Filho, e vai ao encontro daquela mãezinha curvada e cansada que, agora, pela mão de Nossa Senhora entra na glória eterna e vai até o trono daquele que disse “vinde a mim todos os que trabalhais e estais carregados...”

Esvaindo-se o fulgor celeste, a menininha acorda de seus sonhos delirantes. Em silêncio, os enlutados preparam-se para deixar o cemitério, cada um deles recolhido ao mais íntimo recôndito da alma. Ah! Será que pode haver um regresso a casa mais ditoso do que este, em que os pobres e os que trabalham nos dão testemunho de seu amor e sua gratidão à beira do nosso túmulo, e em que uma criança olha para o céu infinito com o coração puro!

Ninguém repara na manada de corças do outro lado, à beira da floresta, pastando pacificamente. E ninguém escuta o canto do pássaro que, hesitante, por assim dizer, ensonado, ressoa das ancestrais tílias do adro da igreja. É o tentilhão que parece exercitar sua cantiga em segredo, sua cantiga de júbilo com que, amanhã em pleno sol, haverá de receber a primavera.

Fonte:

Serra-Post-Kalender. Ijuí, Ulrich Löw, 1950, p.227-235.